

Vozes femininas na literatura indígena contemporânea:

As sementes poéticas de Aline Rochedo Pachamama e Márcia Wayna Kambeba

Helena Correia de Faria

Resumo: Este artigo apresenta uma análise dos discursos poéticos de Aline Rochedo Pachamama, do povo Puri da Mantiqueira, e de Márcia Wayna Kambeba, do povo Omágua/Kambeba, como instrumentos de reafirmação de identidade, resistência e de um múltiplo movimento cultural. Como focos de análise, selecionamos poemas de *Pachamama: a poesia está na alma de quem escreve* (2021) e *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade* (2020). Os textos selecionados são obras que contribuem para desconstruir os estereótipos frequentes na representação do sujeito indígena elaborada pelo olhar eurocêntrico e que apresentam uma linguagem literária multimodal vinculada à oralidade. Partimos da reflexão de Candido (2011) sobre o direito à literatura, entendido, em sentido amplo, como um bem indispensável à nossa humanização. Apresentamos, também, conceitos de literatura indígena elaborados por Graúna (2003), Munduruku (2017), Dorrico (2017) e Thiél (2012) e um breve levantamento das escritoras indígenas do cenário literário do Brasil. Para tal, como caminho teórico-metodológico, realizamos uma pesquisa bibliográfica qualitativa de caráter interpretativo a partir da apreciação sensível dos traços dos textos (DURÃO, 2015). Além disso, buscamos apontar, a partir de um viés comparativo (CARVALHAL, 2006), a intertextualidade existente entre os poemas escolhidos. Desta forma, este trabalho pretende contribuir para as transformações de uma realidade de silenciamento dos povos originários e de sua produção literária.

Palavras-Chave: Literatura Indígena. Aline Rochedo Pachamama. Márcia Wayna Kambeba.

Abstract: This article presents an analysis of the poetic discourses of Aline Rochedo Pachamama, of the Puri people of Mantiqueira, and Márcia Wayna Kambeba, of the Omagua/Kambeba people, as instruments of reaffirmation of identity, resistance, and a multiple cultural movement. As a focus for the analysis, we selected poems by *Pachamama: a poesia está na alma de quem escreve* (2021) and *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade* (2020). The selected works that contribute to deconstruct the frequent stereotypes in the representation of the indigenous subject elaborated by the Eurocentric look and that present a multimodal literary language linked to orality. We started from Candido's (2011) reflection on the right to literature, understood, in a broad sense, as an indispensable good for our humanization. We also presented concepts of indigenous literature elaborated by Graúna (2003), Munduruku (2017), Dorrico (2017) and Thiél (2012) and a brief survey of indigenous writers from the literary scene of Brazil. To this end, as a theoretical-methodological path, we carried out a qualitative bibliographic research of an interpretative character based on the sensitive appreciation of the traces of the texts (DURÃO, 2015). In addition, we sought to point out, from a comparative bias (CARVALHAL, 2006), the intertextuality existing among the chosen poems. Thus, this work aims to contribute to the transformations of a reality of silencing the original peoples and their literary production.

Keywords: Indigenous Literature. Aline Rochedo Pachamama. Marcia Wayna Kambeba.

INTRODUÇÃO

Escrever, pra quê?
Pra respirar e resistir
como quer a Poesia

A pena desliza
e as palavras derramam
sangue no papel

Ave-palavra:
no caminho de volta
manejo o poema

Graça Graúna

Este artigo é um convite a um passeio pela literatura indígena contemporânea do Brasil, a partir da poesia das escritoras Aline Rochedo Pachamama e Márcia Wayna Kambeba. O convite se estende à leitura atenta desse recorte da produção literária indígena, cuja especificidade “implica um conjunto de vozes entre as quais o(a) autor(a) procura testemunhar a sua vivência e transmitir ‘de memória’ as histórias contadas pelos mais velhos, embora muitas vezes se veja diferente aos olhos dos outros” (GRAÚNA, 2013, p. 3).

Mas literatura indígena? Ainda hoje, escrever sobre a literatura indígena e, em especial, a literatura indígena de autoria feminina, pode causar estranheza. Significa discorrer sobre um múltiplo movimento estético-político produzido por escritoras e escritores indígenas, em língua portuguesa e em línguas maternas, antes amplamente invisibilizado no Brasil, mas que vem conquistando leitores nos últimos anos.

A literatura indígena contemporânea “nasce para a sociedade envolvente em 1990” e não se desvincula da oralidade milenar dos povos originários¹, mas “assume novos contornos desde o registro à autoria e que, mesmo individual, ecoa de forma coletiva” (DORRICO, 2017, p. 216). Nesse contexto, a luta pela sobrevivência dos povos originários permanece há mais de quinhentos anos e a literatura indígena tem um papel muito importante nesse processo.

Todos temos o direito de conhecer e ler os textos produzidos pelos sujeitos indígenas: literatura que nos proporciona o conhecimento e a valorização da pluralidade cultural do

¹ “Indígenas” e “originários” são palavras adotadas com frequência por pessoas que pertencem a essas nações e acreditam que são terminologias que sinalizam o fato de descenderem dos primeiros habitantes do atual território brasileiro. Assim, “[...] o termo “indígena” significa ‘aquele que pertence ao lugar’, ‘originário’, ‘original do lugar’” (MUNDURUKU, 2019, p. 51).

Brasil. Além disso, essa produção literária contribui com a desconstrução de uma figura caricata e folclórica do indígena, “herança de nossa colonização eurocêntrica continuada por nossa modernização conservadora” (DANNER; DORRICO; DANNER, 2018, p. 316).

Nesse sentido, recorreremos à reflexão de Candido (2011) sobre o direito à literatura, entendido, em sentido amplo, como uma necessidade humana inevitável, dotada de uma dimensão social, que deve ser reconhecido e viabilizado para todos. Por sua vez, os autores indígenas pretendem reverter a condição de apagamento histórico das identidades indígenas a partir da construção de uma literatura, que afirma as diferenças culturais de seus povos face à sociedade do país.

Além disso, como estamos falando da produção literária dos povos originários, é importante mencionar, ainda, a Lei 11.645/08, que inclui a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-brasileira e Indígena* no currículo oficial da Educação Básica no país. Assim, abriam-se as portas para um novo mercado editorial, visto que passou a existir, nas escolas, a necessidade de adoção de livros que trabalhassem a temática exigida pela nova legislação.

Dessa forma, este artigo pode contribuir para as transformações de uma realidade de exclusão e silenciamento dos povos originários e de sua produção literária a partir de recortes das obras *Pachamama: a poesia é a alma de quem escreve* (2021), de Aline Rochedo Pachamama, e *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (2020), de Márcia Wayna Kambeba, e a análise de seus recursos linguísticos. Além disso, o presente trabalho apresenta um breve panorama da literatura indígena contemporânea de autoria feminina, cuja voz é coletiva e integrada ao seu povo.

Diante desse contexto, propomos, como objetivo deste artigo, compreender de que forma os discursos poéticos das autoras são instrumentos de reafirmação de identidade, resistência e movimento cultural. Para tal, selecionamos os textos *Poema Vermelho*, de Aline Rochedo Pachamama, e *Índio eu não sou*, de Marcia Wayna Kambeba.

Dessa forma, percorremos as obras referenciadas, tanto publicações de estudiosos que têm esse pertencimento étnico, quanto de críticos não indígenas que teorizam sobre a

literatura do tema abordado. Entre eles, estão Graúna (2013), Munduruku (2012, 2017), Dorrico (2018) e Thiél (2012, 2013).

Assim, dividimos a estrutura deste artigo da seguinte forma: na primeira seção, transcorremos sobre os conceitos de literatura indígena contemporânea produzida no Brasil, elaborados por pesquisadores indígenas e não indígenas, e suas especificidades, dentre as quais se destaca a sua forte ligação com a tradição oral. Na segunda seção, apresentamos, brevemente, alguns nomes da produção literária indígena de autoria feminina do país. Nesse cenário, é possível observar o enfrentamento, por parte das mulheres indígenas, dos desafios para o fortalecimento de suas identidades. Por fim, passamos à análise dos recursos poéticos presentes nos poemas selecionados, estabelecendo diálogo entre os textos e tratando de suas especificidades.

LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

A Constituição Federal de 1988 “reconheceu a organização social, costumes, línguas, crenças, e tradições como direitos subjetivos dos povos indígenas” (MUNDURUKU, 2012, p. 37), o que trouxe uma nova perspectiva ideológica em relação a esses povos e uma nova concepção de política indigenista para o Brasil.

Ainda em 1988, Antonio Candido discursou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP, sobre o *Direito à Literatura*, cujo conteúdo foi inserido, em 2004, na 4ª edição do livro *Vários Escritos*. Na obra, Candido faz uma reflexão sobre o direito à literatura, cujo papel é humanizador. Acrescenta, ainda, que não há povo que possa viver sem a literatura, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Dessa forma, ela constitui um direito que deve ser reconhecido e viabilizado para todos.

Partindo da perspectiva de que a criação ficcional e artística é um fator indispensável de humanização, sem a qual “talvez não haja equilíbrio social” (CANDIDO, 2011, p. 112), a literatura indígena, construída por visões de mundo que desconstróem estereótipos e promovem reflexões sobre as especificidades de sua tradição narrativa/poética, parece

corresponder a uma necessidade universal, “que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2011, p. 242).

O acesso à literatura indígena, portanto, promove o conhecimento da pluralidade cultural e, conseqüentemente, o distanciamento de pré-julgamentos baseados em visões pejorativas dos sujeitos indígenas e de suas culturas. Ainda nesse sentido, essas obras literárias são instrumentos de luta a favor da causa indígena, dirigidas, muitas vezes, aos leitores não indígenas.

Aqui cabe destacar a aprovação da Lei nº 11.645/2008, que alterou a Lei nº 10.639/2003 e instituiu a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-brasileira e Indígena* no currículo oficial da rede de ensino do país. Essa política conquistada pelos povos originários teve um importante impacto nas produções de autoria indígena, visto que “[...] repercutiu na indústria do livro. Muito se produziu, diversos projetos editoriais se concretizaram e vários autores indígenas surgiram graças à edição da lei” (MUNDURUKU, 2017, p. 25).

Vale lembrar, também, que o conceito de literatura para os povos originários vai muito além da ideia de texto impresso em folhas de papel, possuindo uma compreensão bem mais ampla:

[...] esse instrumento engloba muito mais do que o texto escrito, ele abrange diversas manifestações culturais, como a dança, o canto, o grafismo, as preces e as narrativas ancestrais. Cada uma dessas composições amarra o passado ao presente, estabelecendo uma relação nova com o momento atual, uma relação necessária e urgente para que as culturas possam criar novas soluções para os problemas que pululam cotidianamente (MUNDURUKU, 2017, p. 122).

Essa concepção sugere que as obras indígenas, portanto, recorrem a multimodalidades discursivas e transitam por tradições ancestrais e ocidentais, sendo “um movimento de transição em que oralidade e literatura criaram uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra” (MUNDURUKU, 2017, p. 122).

As obras indígenas apresentam textos marcados pela oralidade, expressa nas histórias dos sábios, nos cantos entoados nas aldeias em rituais sagrados e, ainda, no conhecimento inscrito na língua de cada povo. Em suas tradições, passadas entre as gerações, os povos originários mostram que seus saberes possuem traços do fazer literário.

Cabe destacar que a literatura indígena é produzida por quem elabora poéticas inspiradas nas histórias contadas pelos avós e anciões “ou com base na própria existência de vida, seja na aldeia, seja na cidade” (KAMBEBA, 2020a, p.16). Dessa forma, a literatura indígena tem início com as histórias ancestrais, memórias coletivas, que nascem na oralidade.

Por outro lado, a literatura indígena ainda procura seu lugar de pertencimento no cenário literário brasileiro porque problematiza as diferenças e denuncia a opressão linguística e cultural. A escritora Graça Graúna, em *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013), considera a literatura indispensável para a sobrevivência dos povos originários:

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo de mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013, p. 15).

Nessa concepção, apesar da longa história de expropriações, violência e extermínio, ainda em curso, “também é verdade que aqueles que sobreviveram comprovam a grande capacidade das culturas indígenas para recriar e reinventar a si mesmas em meio às piores adversidades” (SÁ, 2012, p. 366).

Tendo apontado alguns conceitos de literatura indígena contemporânea produzida no Brasil, passamos à especificidade da produção literária indígena de autoria feminina.

VOZES FEMININAS NA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

As produções literárias dos povos indígenas atuam “como uma negativa à monocultura do saber e do rigor, onde a cultura **letrada** não é superior às outras formas de saberes ancestrais, como a oralitura ou os grafismos” (SANT’ANNA; MANGABEIRA, 2019, p. 60, grifo dos autores) à medida que desconstróem a imagem indígena forjada pelo olhar eurocêntrico ainda veiculada na sociedade.

Nesse contexto, autoras indígenas de diferentes povos revelam, por meio da literatura, uma realidade de exclusão e violência, bem como a luta para transformá-la e a retomada da identidade indígena: “Quem ensinou às crianças a história do povo que aqui vive, contou a história de outros, não a nossa. Mas estamos aqui. Não apenas em uma voz, mas no coletivo, porque essa é a nossa força” (PACHAMAMA, 2018, p. 12).

Percebemos, também, na literatura produzida por essas escritoras, a presença marcante de referências à ancestralidade e especificidades culturais e linguísticas que fazem parte desse caminho poético caracterizado, muitas vezes, por uma revisão da história indígena.

Com o propósito de apresentar alguns nomes da literatura indígena contemporânea de autoria feminina, acessamos dados da Bibliografia das Publicações Indígenas do Brasil, os sites da livraria Maracá e da Pachamama Editora, além de publicações de teóricos já referidos aqui. São mulheres inspiradoras que, com a publicação de suas obras, fazem parte de um cenário de resistência ao modelo eurocêntrico de sociedade.

Ademais, destacamos, a seguir, a escrita dessas autoras indígenas, que denunciam tal contexto bem como mostram outros mundos possíveis. Suas obras compõem um universo de gêneros textuais diversos e são publicações de autoria individual. Dessa forma, este panorama inicial pode servir de inspiração para a leitura sensível de saberes e de modos diferentes de viver.

Auritha Tabajara é escritora e contadora de histórias do povo Tabajara. Em 2018, publicou o livro *Coração na aldeia, pés no mundo*, no qual homenageia e, ao mesmo tempo, contesta os cordéis clássicos à medida em que busca desconstruir estereótipos atribuídos às mulheres indígenas.

Considerada a primeira cordelista indígena do Brasil, sua obra, com xilogravuras de Regina Drozina, traz a beleza do cordel em traços autobiográficos.

Em “Uma menina saudável, / Com o nome a definir, / Vovó a chamou Auritha, / Mas, quando foi traduzir, / Um ancestral lhe contou / “Aryrei” está a vir” (TABAJARA, 2018, p. 9), a

poeta enfatiza seu pertencimento e a sabedoria de sua avó, que, por meio de versos rimados, contava-lhe histórias.

Eliane Potiguara pertence ao povo Potiguara. Graduada em Letras, é a primeira indígena Doutora *Honoris Causa* pela UFRJ. Autora de vários textos sobre direitos indígenas publicados em livros, coletâneas, jornais e sites, há algumas décadas, sua história é marcada pelo ativismo engajado na luta indígena, tendo participado, inclusive, da elaboração da Constituição de 1988. Em 2005, foi indicada ao Projeto Internacional “Mil mulheres para o Prêmio Nobel da Paz”.

Uma de suas obras, *Metade cara, metade máscara* (2004), é composta de vários gêneros discursivos, como narrativas históricas e ensaísticas, relatos autobiográficos e poemas. Nela, a autora denuncia a destruição das famílias indígenas promovida pela colonização e a disputa pelo território indígena, visto como objeto de consumo, assim como os corpos de mulheres indígenas, que resistem à essa violência. Em fragmentos do poema *A denúncia*, como “Diz aí o que te faz calar... / Ah! Mulher enganada / Quem diria que tu sabias falar!” (POTIGUARA, 2004, p. 73), fica evidente o rompimento com o silêncio imposto à mulher indígena, que a impedia de falar por si mesma.

Graça Graúna é escritora Potiguara e professora universitária. Doutora em Teoria Literária pela UFPE e pós-doutora em Educação, Literatura e Direitos Indígenas pela UESP, é uma das precursoras das publicações sobre/de literatura indígena no Brasil. Escreveu o livro de crítica literária *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013), uma das referências teóricas mais utilizadas quando se trata de literatura indígena.

A autora destaca seu pertencimento às culturas indígenas e expressa seu olhar sobre questões que envolvem a sua condição de mulher indígena. Ademais, a escritora revela a busca pela expressão de sua subjetividade, como nos versos “O / encanto / de saber e amar / está na liberdade de cada avuante / poder expressar o avesso do canto” (GRAÚNA, 2007). Algumas de suas obras literárias são *Canto mestizo* (1999), *Tear da palavra* (2007), *Flor da mata* (2014) e *Fios do tempo: (quase haicais)* (2021), escritos em versos.

Trudruá² Dorrico, do povo Macuxi, é escritora, pesquisadora e curadora de literatura indígena. Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, é autora do livro *Eu sou macuxi e outras histórias* (2019), 1º lugar no concurso FNLIJ/Tamoios de novos escritores indígenas. Por meio de redes sociais e de plataformas digitais, desenvolve vários projetos que visam mapear, indicar e fomentar a literatura de autoria indígena.

Nos versos “Eu sou pimenta / panela de barro / cobra / damorida³ / onça / olho puxado / cabelo preto / cor amarela / Eu finalmente posso dizer, com ternura, que sou macuxi” (DORRICO, 2019, p. 101), fica evidente o orgulho de seu pertencimento indígena e do resgate da memória ancestral.

Neste artigo, mais especificamente, nos debruçamos sobre alguns poemas selecionados de *Pachamama: a poesia é a alma de quem escreve* (2021), de Aline Rochedo Pachamama, e de *Ay Kakyri tama: eu moro na cidade* (2020), de Márcia Wayna Kambeba.

SEMEADURAS POÉTICAS DE ALINE ROCHEDO PACHAMAMA E MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

Ao analisarmos os poemas de Pachamama e Kambeba, destacamos alguns aspectos. Primeiro, o olhar das escritoras indígenas sobre suas identidades e vivências presentes em suas produções literárias. Em seguida, a forma pela qual esses escritos nos permitem perceber a literatura indígena como instrumento de luta por direitos – entre eles ao território, “resistência, reescrita e rememória” (SANT’ANNA; MANGABEIRA, 2019, p. 62).

Nesta análise das poéticas de Pachamama e de Kambeba, consideramos as temáticas abordadas e as formas composicionais dos poemas escolhidos, levando-se em conta os recursos linguísticos e literários presentes nos textos. No entanto, é importante destacar que as produções literárias das autoras estão articuladas aos saberes e modos de vida de seus povos, “práticas essas heterogêneas e sinestésicas em suas interações com a escrita” (SOUZA, 2001, p. 172).

² Nome que Julie Dorrico passou a adotar para afirmar seu pertencimento. Remete à cosmologia do povo Macuxi e significa “formiga”.

³ Prato feito à base de pimenta, peixe ou carne de caça moqueada, degustada com beiju ou farinha.

Recolhemos dois poemas das autoras para analisarmos, com viés comparativo, a intertextualidade existente entre eles. No entanto, esse olhar não representa um confronto entre obras ou autoras nem “se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma literatura faz de outras” (CARVALHAL, 2006, p. 86).

Assim, tentamos contribuir com um olhar atento aos recursos linguísticos e literários que revelam os saberes dos povos originários. E, para cumprir com uma postura responsável, não finalística e coerente com o tema proposto, pressupõe-se que “a ideia possibilitadora da pesquisa em literatura é a de que o artefato não sabe tudo de si” (DURÃO, 2015, p. 382).

Aline Rochedo Pachamama pertence ao povo Puri da Mantiqueira e “à floresta”, como ela diz na segunda orelha de seu livro *Pachamama* (2021). É escritora, ilustradora e historiadora. É doutora em História Cultural pela UFRRJ e mestre em História Social pela UFF. É autora, também, de *Boacé Uchô: a história está na terra* (2020) e *Taynôh: o menino que tinha cem anos* (2019), entre outros.

Idealizadora da Pachamama Editora, formada por mulheres, participa de forma muito atuante de ações de reparação histórica e linguística do povo Puri, presente na região da Serra da Mantiqueira:

Nasci plural; então, somos. A floresta Mãe, eu, você e nossas ancestrais. Somos o silêncio que antecede a chegada da primavera. E a quietude da chuva fria na aurora. Mas também somos a fúria da tempestade e o grito enérgico do trovão-raio que, ao bater na superfície da terra, ecoa: Germinem, sementes!” E elas, as sementes, irrompem de sua casaca confortável e se lançam no encantamento da vida. Assim como nós (PACHAMAMA, 2021, p. 96).

Márcia Wayna Kambeba pertence ao povo Omágua/Kambeba no Alto Solimões, Amazonas. Povo que, “segundo os sábios, nasceu de uma gota d’água que cai, topa numa folha de samaumeira⁴, chega ao igarapé e daí nasce o homem e a mulher” (KAMBEBA, 2020, p. 10). Ainda segundo a poeta, essa narrativa é contada e recontada pelos mais velhos em rodas de conversa, visto que faz parte da cosmologia e da existência de seu povo no planeta.

É escritora, compositora, fotógrafa e ativista. Mestre em Geografia pela UFAM e doutoranda em Letras pela UFPA, Kambeba percorre o Brasil e vários outros países, levando

⁴ Árvore frondosa, típica da várzea amazônica.

seu trabalho autoral, que convida para uma reflexão sobre a importância dos povos originários. Os livros *Saberes da floresta* (2020), *O lugar do saber ancestral* (2021), entre outros, também são obras da autora.

Em um contexto no qual os povos originários ainda lutam contra a dizimação, Kambeba, afirma o que a escrita feita por esses povos vem dizer:

Estamos aqui e queremos nosso direito ao território sagrado, a cidade que um dia foi nossa aldeia. Não somos invasores [...] e queremos respeito à memória de nossos antepassados. Existe o território memorial que está ligado à memória de um povo. Até onde vai sua memória, até lá vai a extensão de seu território (KAMBEBA, 2021, p. 27).

A força presente no percurso de Pachamama e Kambeba se traduz em memória, identidade, pluralidade, luta e resistência. Nesse sentido, as trajetórias pessoais das escritoras dizem respeito às histórias coletivas de seus povos – Puri e Omágua/Kambeba, que não representam uma unidade, mas têm pautas em comum.

O livro *Pachamama: a poesia é a alma de quem escreve* (2021) foi contemplado pelo programa Rio de Leitores, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e, dessa forma, faz parte do acervo das salas de leitura das escolas da Secretaria Municipal de Educação.

Na obra, repleta de grafismos e ilustrações feitas pela autora, Aline Rochedo Pachamama utiliza o texto como ruptura, visto que sua estratégia poética mescla os gêneros discursivos. Em poemas, pequenos contos e ensaios autobiográficos, a autora apresenta a terra como mãe. Assim, os seres naturais como os rios, as plantas e os animais, por exemplo, são vistos como parentes e não como matéria-prima para exploração.

Nesse sentido, a palavra é terra na literatura produzida pela escritora, visto que sua obra defende valores indígenas como o pertencimento, a memória e a luta por seu território, garantido pela Constituição Federal de 1988, e pelo direito de existir:

Poema Vermelho

... E se esses tempos nos sufocam,
também as árvores perderam as folhas
e mudaram a casca do tronco
para voltarem mais resistentes

Vozes femininas na literatura Indígena contemporânea: as sementes poéticas de Aline Rochedo Pachamama e Márcia Wayna Kambeba

naquela outra estação.

Tsatêh, não temos opção de fragilidade
Somos o grão que germina força.
E se marcam nossa pele com cicatrizes, as invasões,
o genocídio e as constantes colonizações,
Nossa alma decide transformar dor em energia.
Que seja a fúria, mas nunca a apatia.
Em meio aos furacões diários,
Sabemos para onde olhar quando
dele saímos.

Firmes
Não tombamos para um ou outro lado.
Escolhemos a direção e seguimos.
E se somos Tempestade,
também orquestramos a calma
dos raios, trovões e ventanias
Lutando, Sonhando coletivo, Vivendo!
Sendo os animais que nos acolhem em generosidade
Cantando o som que a Mãe Terra grita.

Não temos os medos que o capitalismo nos engendra:
Morrendo somos encantados,
Vivos somos Presente.
Nos move a força dos ancestrais,
E a floresta que em nós habita sempre.

...E se esses tempos nos sufocam,
Também as árvores perdem as folhas
e mudam a casca do tronco.
E voltarão mais resistentes,
Na próxima estação.
(PACHAMAMA, 2021, p. 70-71)

O texto de Pachamama faz uma leitura do mundo colonizador: cruel e sufocante, que destrói a Mãe Terra e, assim, seus povos. No entanto, como acontece ao longo de todo o poema, há luta por meio do movimento (e envolvimento) da força da ancestralidade e de elementos da natureza que se integram à voz poética, apresentada na primeira pessoa do plural, reforçando a ideia de coletividade.

Destacamos o resgate da palavra *Tsatêh*, presente na segunda estrofe, que significa “irmã, irmão, pessoa querida”. Por meio do vocativo, na palavra da língua Puri, a voz poética se dirige ao leitor de forma afetuosa, descrevendo tanto a situação em que se encontram os povos originários quanto a força que têm para superá-la.

Retomando a primeira e a última estrofes, vale atentar para a repetição dos versos, com algumas modificações nos tempos dos verbos *perder* e *mudar*, que passam do pretérito

perfeito para o presente. Também o modo do verbo *voltar* passa do subjuntivo para o indicativo. Essas alterações sugerem a ideia de tempo circular e de contemporaneidade, bem como reforçam a presença da floresta, renovada em uma estação próxima. O futuro não é mais distante e incerto como nos versos *para voltarem mais resistentes / naquela outra estação*, da estrofe que inicia o poema.

Consideramos importante apontar que a visão indígena de compreensão do tempo não é linear: “[...] é mais envolvente, pois acredita que os fatos e os acontecimentos estão integrados por um conjunto de fatores que unem o tempo” (MUNDURUKU, 2017, p. 19). Isso significa dizer que eles trazem, em um único movimento, o passado e o presente, seguindo uma compreensão de circularidade.

Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade (2020), de Márcia Wayna Kambeba, cuja primeira edição foi publicada em 2013, traz 33 poemas baseados na dissertação de mestrado da autora, defendida em 2012, sobre seu povo. O livro apresenta reflexões sobre o lugar do indígena na sociedade brasileira atual a partir dos poemas e das várias imagens fotográficas – também poéticas - feitas pela autora.

O livro convida o leitor a conhecer os povos indígenas, com suas diferenças étnico-sociais, de modo particular o povo Omágua/Kambeba: “Poemas descoloniais, que buscam ajudar as pessoas a compreender a importância de se conhecer e ajudar os povos, para que não sejam completamente dizimados em seu território do sagrado, em sua cultura, em sua ciência” (KAMBEBA, 2020, p. 11).

Cabe ressaltar que, inspirada por sua avó e por suas vivências na aldeia, a poeta transforma seus poemas em músicas, o que enriquece ainda mais a sua obra. Essas práticas artísticas de Kambeba revelam um olhar sobre a relação de seu povo com o território, com sua ancestralidade e sua integração com a natureza, bem como desconstroem estereótipos:

Índio eu não sou

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu.
Nem como apelido quero levar

Chegou tarde, eu já estava aqui
Caravela aportou bem ali
Eu vi “homem branco” subir

Vozes femininas na literatura Indígena contemporânea: as sementes poéticas de Aline Rochedo Pachamama e Márcia Wayna Kambeba

Um erro que Colombo cometeu.

Na minha Uka me escondi.

Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.

Ele veio sem permissão
Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos, uma missão
Dizimar para a civilização.

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.

“Índio” eu não sou.
Sou Kambeba, sou Tembé,
Sou Kokama, sou Sateré.
Sou Guarani, sou Araweté,
Sou Tikuna, sou Suruí,
Sou Tupinambá, sou Pataxó,
Sou Terena, sou Tukano
Resisto na raça e na fé.
(KAMBEBA, 2020, p. 26)

No poema, a voz poética, que assume seu protagonismo por meio do uso da primeira pessoa, inverte alguns sentidos construídos sobre os povos originários pela história eurocêntrica. Primeiro, o nome “índio”, que carrega imagens como atraso e primitivismo, além de invisibilizar a rica diversidade desses povos.

Na verdade, “uma invenção dos colonizadores a fim de reduzi-los e escravizá-los. [...] Ao reduzi-los, dominaram; ao dominá-los, enfraqueceram valentes civilizações. Tudo isso contido em uma única palavra: índio” (MUNDURUKU, 2017, p. 17).

Nesse sentido, Kambeba destaca parte da imensa diversidade de povos na última - e também mais longa - estrofe do poema à medida que relaciona nomes de várias nações indígenas. Chamando-os como se autodenominam, a identidade de cada sujeito indígena está vinculada à sua etnia. Ademais, por meio do emprego dos nomes de vários povos indígenas, o leitor é levado a compreender que existe uma grande diversidade de culturas indígenas.

O poema também apresenta uma busca pela releitura crítica da história, que rompe com os discursos naturalizados ao longo do processo de colonização no Brasil a respeito do “descobrimento”: *Chegou tarde, eu já estava aqui / Caravela aportou bem ali*, na quarta estrofe do texto.

Já nos versos seguintes, Kambeba, por meio da metonímia, emprega as palavras *cruz* e *espada* como a representação da violência simbólica e física do processo de colonização. Convém destacar que o povo Omágua/Kambeba, ainda hoje, luta pela defesa de seus limites territoriais, bem como pelo direito de existir e de preservar sua língua materna.

Comentando sobre a ideia de “descobrimento do Brasil”, Kopenawa diz: “Nasci na floresta e sempre vivi nela. No entanto, não digo que a descobri e que por isso quero possuí-la” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 253).

A partir dessa concepção, percebe-se que a relação do indígena com a terra não é de propriedade, mas de pertencimento. No verso *Colombo em meu solo desembarcou*, na segunda estrofe, o indígena não possui a terra, mas pertence a ela. “A terra é o corpo dos índios, os índios são o corpo da terra” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 17), o que significa dizer que a disputa pela terra é uma disputa pelo próprio corpo.

Na literatura de Pachamama e de Kambeba, as vozes poéticas aparecem, nas cenas descritas e narradas, como protagonistas que tornam presente a ancestralidade e apontam para o futuro na medida em que são agentes de transformação da realidade. Seja pelas metáforas em movimento em *Poema Vermelho*, seja pela autodefinição proposta em *Índio eu não sou*, que desestabiliza a ideia do indígena fixada no passado.

Destacamos, ainda, que as obras indígenas apresentam uma interação de multimodalidades: “a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção dos desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos” (THIÉL, 2013, p. 1178).

Nesse sentido, os poemas de Pachamama e de Kambeba, ao serem apresentados em performances, levam a potência de suas vozes e de seus corpos, ampliando, assim, os textos escritos. O poema *Índio eu não sou*, por exemplo, nos remete, a partir da sonoridade dos versos da última estrofe, ao som de tambores e ao bater dos pés em danças e rituais indígenas.

Partindo da perspectiva de que é necessário “quebrar também o círculo vicioso dos pontos de vista etnocêntricos, e, no caso da poesia, grafocêntrico” (ZUMTHOR, 2016, p.12), a

performance, aqui, revela como a tradição oral e a escrita se interrelacionam. Ademais, dessa forma, os nomes e as obras das autoras circulam por diferentes espaços do campo literário, estabelecendo seu diálogo com o público.

São recorrentes, também, nos livros escolhidos para esse trabalho, as descrições de paisagens. Visto que não pressupõem uma separação entre o sujeito indígena e o mundo ao seu redor, a natureza se apresenta ativa e não como um objeto de contemplação humana.

Convém destacar que o recurso da repetição também aparece nos dois poemas escolhidos. No entanto, além de “garantir recuperação” do que já foi dito e de “uma linha de continuidade textual” (ONG, 1998, p. 47-58 apud THIÉL, 2012 p. 40), parece-nos que a repetição de verbos e pronomes da primeira pessoa do singular reforça o protagonismo dos sujeitos indígenas na construção de suas identidades e, conseqüentemente, de suas obras literárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura indígena se apresenta como expressão cultural pela qual os sujeitos indígenas evidenciam suas identidades, suas ancestralidades, seus saberes e suas poéticas. Além disso, através da escrita alfabética, dos grafismos, das imagens e do vínculo com a oralidade, essas escritoras e esses escritores buscam resgatar as memórias milenares e fortalecer as identidades de seus povos.

Como instrumento de resistência e de luta, a literatura indígena constrói visões de mundo diversas além de ser instrumento poderoso de humanização. Dessa forma, constitui-se como um direito, em seu sentido amplo, seguindo a perspectiva de Candido (2011) no artigo *Direito à Literatura*.

Nos livros de autoria indígena feminina, foco de nosso trabalho, destaca-se a ligação da vida e do fazer indígena com a Mãe Terra. Dessa forma, Pachamama e Kambeba, por meio de suas vozes, evidenciam a autonomia literária que vem sendo construída por elas e tantas outras escritoras indígenas na contemporaneidade.

Protagonistas de sua produção artística, Pachamama e Kambeba contribuem para a desconstrução dos estereótipos utilizados com frequência na literatura produzida sob o olhar

alheio. E o fazem não com o mero uso da escrita, mas a transformam, “moldando-a à imagem de sua própria cultura” (SOUZA, 2001, p. 187) e acreditando em um “mundo no qual muitos mundos podem coexistir” (MIGNOLO, 2008, p. 296).

Assim, a literatura indígena de autoria feminina se apresenta como a imensa diversidade de sementes que existem: diferentes vozes que se espalham pelo território literário, brotando poesia, luta e existência.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

CANDIDO Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena como descatequização da mente, crítica da cultura e reorientação do olhar: sobre a voz-práxis estético-política das minorias. **Literatura indígena brasileira contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

DORRICO, Julie. A oralidade no impresso: o “eu-nós” lírico-político da literatura indígena contemporânea. **Boitatá**, Londrina, n. 24, p. 216-233, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/32958/23337>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloísa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (org.). **Literatura indígena contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

DORRICO, Julie. **Eu sou macuxi e outras histórias**. Nova Lima: Editora Caos & Letras, 2019.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. DELTA, São Paulo, v. 31, n. spe, p. 377-390, ago. 2015. Disponível em

Vozes femininas na literatura Indígena contemporânea: as sementes poéticas de Aline Rochedo Pachamama e Márcia Wayna Kambeba

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO102-44502015000300015>.
<http://dx.doi.org/10.1590/0102-445014919759499939> Acesso em: 24 jul. 2022.

GRAÚNA, Graça. **Tecido de vozes.** Disponível em: <https://ggrauna.blogspot.com/2007/11/?m=1>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAÚNA, Graça. **Fios do tempo:** (quase haikais). Recife, PE: Ed. da Autora: Baleia Cartonera, 2021.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama:** eu moro na cidade. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da Floresta.** São Paulo: Jandaíra, 2020a.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura Indígena: ecos de resistência, memória, identidade. **Empodere,** Campo Grande, ed. 007, p. 27, 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu.** São Paulo: Cia das Letras, 2015.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade,** n. 34, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. **LEETRA Indígena.** São Paulo, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra_vol1/1?ff. Acesso em: 30 set. 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2:** sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. São Paulo: UKA Editorial, 2017.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Guerreiras:** mulheres indígenas na cidade. Rio de Janeiro: Pachamama, 2018.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Pachamama:** a poesia é a alma de quem escreve. 2. ed. Rio de Janeiro: Pachamama, 2021.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** São Paulo: Global, 2004.

SÁ, Lúcia. **Literaturas da floresta.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

SANT'ANNA, Fernanda Vieira; MANGABEIRA, Clark. Territórios do saber e decolonização de identidades que atravessam fronteiras: aproximações entre Chrystos e Márcia Wayna Kambeba. **Verbo de Minas,** Juiz de Fora, v. 20, n.36, p. 36-71, ago./dez. 2019. Disponível em: <http://ikamiaba.com.br/fernanda-vieira>. Acesso em: 01 nov. 2022.

FARIA, H. C. de

SOUZA, L. M. T. M. de. Para uma ecologia da escrita indígena: a escrita multimodal kaxinawá. In. SIGNORINI, Inês (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena, SP: UKA Editorial, 2018.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural**. Educ. Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, dez. 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os involuntários da pátria**. São Paulo: N-1 edições, 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

SOBRE A AUTORA

Helena Correia de Faria é Pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários pelo IFRJ, *campus* Nilópolis. Graduada em Letras pela UNIG. Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura da SME/RJ e SEEDUC/RJ. Pesquisadora de literaturas indígenas de autoria feminina e revisora na Pachamama Editora.